

**“OS ANIMAIS PODEM AJUDAR-NOS A CONSTRUIR UM
MUNDO ORGANIZATIVO MAIS JUSTO, DESORGANIZAR O
ANTROPOCENTRISMO” – ENTREVISTA COM VERÓNICA
POLICARPO**

Verónica Policarpo¹

Leticia Dias Fantinel²

Letícia Fantinel: Antes de tudo, gostaria de registrar os nossos agradecimentos, meus e dos meus colegas editores, por ter aceito nosso convite para esta entrevista. Ela comporá o primeiro dossiê temático sobre animais e organizações publicado no Brasil. Agradecemos também em nome de toda a audiência que poderá ter acesso a nosso diálogo sobre o campo dos Human-Animal Studies (HAS), que é tão diverso e tão interessante. Por isso, gostaria de iniciar com esta pergunta: como as relações humano-animais chegam na tua vida?

Verónica Policarpo: Eu vou começar também por agradecer este convite e dizer que realmente é uma oportunidade e um privilégio estar aqui a partilhar o que tem sido nosso trabalho conjunto nesta área. Em particular, agradeço porque é um grande carinho para mim trabalhar com colegas do Brasil, e trabalhar contigo,

¹ Doutora em Ciências Sociais (Universidade de Lisboa, Portugal). Professora Associada da Universidade de Lisboa. Lattes não informado. <https://orcid.org/0000-0002-9245-1057>. veronica.policarpo@ics.ulisboa.pt. Endereço para correspondência: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9, Lisboa, Portugal. 1600-189. Telefone: não informado.

² Doutora em Administração (Universidade Federal da Bahia, Brasil). Professora Associada da Universidade de Brasília. <http://lattes.cnpq.br/8188708807795008>. <https://orcid.org/0000-0002-4589-6352>. leticiafantinel@gmail.com.

Letícia, está sendo um grande prazer, receber-te cá em Lisboa. Este é um dos eixos constitutivos do projeto a que tenho me dedicado nos últimos anos: fazê-lo na lusofonia. O Brasil é nosso país irmão, e para além de sua expressão numérica que tem, por via da escala e da dimensão, há também a questão da importância de conseguirmos nos unir para conseguir abordar problemas das relações humano-animal na nossa realidade, que pode ser diferente do que se coloca nos países anglófonos, por exemplo. Em termos pessoais, tive vários contributos, mas acho que um deles merece ser aqui honrado, que foi um cão muito especial para mim, que se chamava Piloto. Os colegas do Brasil podem não saber, mas, em Portugal, Piloto é aquele nome muito popularucho, que tradicionalmente nos meios menos favorecidos se colocava aos cães. O Piloto foi o terceiro cão de uma geração de Pilotos da minha família de origem; foi o cão que meu avô arranjou quando a minha avó morreu. Ele ficou muito triste, teve um luto muito difícil, tivemos todos. Minha avó foi uma figura matriarcal muito central e, quando minha avó morreu, o meu avô fez aquilo que o pai dele tinha feito quando a mulher dele morreu: tinha arranjado um Piloto também. E o Piloto entrou na nossa vida naquela altura e o meu avô, quando adotou este cão, passado um ano, também morreu, e o Piloto foi, nas palavras do meu avô, antes de morrer, a minha “herança”. Eu já tinha tido experiências de cuidado com dezenas de animais de várias espécies: tartarugas, ratos, periquitos, cães. Mas o Piloto foi diferente, porque entrou na minha vida numa altura muito específica e depois viveu comigo ainda treze anos. Eu diria que esse cão mudou a minha relação com o mundo e, portanto, eu acho que é justo honrá-lo aqui hoje e recordá-lo. Acho que de alguma maneira tudo o que eu faço em relação aos animais tem sempre a sua patinha. Por isso, obrigada, Piloto. Todos nós, quando recordamos um animal que foi central nas nossas vidas, o que está em causa não é esse animal só; são todos os outros que, na situação deles, continuam a precisar de ser resgatados, de ser ajudados. O Piloto era um cão rafeiro, nós em Portugal dizemos rafeiro, que é o “vira-lata” do Brasil; não tinha raça, foi resgatado da rua, de uns caçadores, portanto, acho que todos eles também têm isso de trazerem os fios, toda a problemática social que nós podemos ajudar a resolver.

LF: E como essa experiência de vida se conecta com o interesse pelo campo dos HAS na tua carreira?

VP: Minha formação inicial é em Estudos de Comunicação, mas em termos de mestrado e doutoramento, trabalho sempre na área da Sociologia. Meu interesse pelos animais vem de algo que julgo que quase todos partilhamos nesta área, que é o interesse pessoal. Isto é um denominador comum a nós que trabalhamos nesta área, creio, mas isso não nos faz necessariamente investigadores na área. Portanto, pode ser uma condição necessária, mas não é uma condição suficiente. Eu sempre amei animais, sempre me interessei por eles do ponto de vista pessoal e político, ou seja, sempre estive muito ligada à causa animal. Estive a participar, por exemplo, nas primeiras manifestações anti-touradas em Portugal. Em 2007, colaborei com colegas quando fizemos o primeiro (e, pelo menos que eu tenha conhecimento, até o momento, o único) inquérito nacional com uma amostra representativa residente em Portugal continental sobre a proteção dos animais em Portugal. Do ponto de vista científico, foi o meu primeiro contato com o tema. Mas depois continuei na minha vida acadêmica a estudar outras coisas, na área da sociologia da vida pessoal e da sociologia familiar. No meu pós-doutoramento, em 2013, estudei as relações de amizade e o capital social que essas relações produzem entre humanos. Eu usava uma metodologia de investigação que são os convoy maps, mapas de círculos concêntricos em que as relações pessoais são representadas em relação à distância que têm em relação a ego. Eu pedia às pessoas que me dispusessem no seu mapa as suas relações significativas. E, muito interessantemente, em um terço das entrevistas que fiz, as pessoas colocavam no mapa animais. Falavam longamente sobre eles, animais vivos e já mortos, sem grande distinção entre uma coisa e outra. Na minha tese de doutoramento, sobre sexualidade e gênero, eu já tinha também tomado contato com a predominância de animais como ponto de suporte, mas não foi algo tão premente.

E estava eu a fazer o meu pós-doutoramento e a analisar as minhas entrevistas, quando recebi um convite de um colega muito querido, que é o Ricardo Santos,

biólogo e especialista em luto. O Ricardo convidou-me na altura para ir a um seminário que ele estava a organizar, e ele queria que eu fosse falar sobre o luto por um animal de companhia. Quando recebi o convite, lembro-me que pensei: que importante é isto. Lembrei logo do Piloto e pensei: é a altura de fazer qualquer coisa com isto. Ou seja, é hora de fazer qualquer coisa com esse sofrimento individual, algo que possa ser útil, numa maneira de ajudar-nos a compreender melhor este processo. E este é um tema que me continua a ser muito caro e é uma coisa que eu continuo a gostar de trabalhar. Portanto, acho que também devo isso ao Ricardo, esse abrir-me a essa possibilidade de pensar.

Depois, como na vida acontecem esses momentos fraturantes, em que nós pensamos: “que se lixe o resto!”. Ou seja, vou fazer o que eu acho que precisa mesmo ser feito, vou fazer algo que traz significado à minha vida! E então submetemos o projeto CLAN, que é um projeto sobre crianças e animais. Submeti-o sem qualquer esperança que fosse aprovado, porque não tinha conhecimento de nenhum projeto aprovado na academia portuguesa deste tipo. O projeto foi submetido à agência de financiamento portuguesa, e que eu tivesse conhecimento, nunca tinha havido até então nenhum projeto aprovado sobre animais nesta área [Sociologia]. Pensei, como dizemos cá em Portugal: perdido por cem, perdido por mil. Vale mais fazer o que eu acho que era mesmo interessante. E, surpresa das surpresas, o projeto foi aprovado, e isso mudou completamente o jogo. Mudou porque o CLAN teve um financiamento público, portanto teve reconhecimento institucional, e isto serve para chamar a atenção da importância do financiamento. O financiamento é muito crítico na investigação e nesta área é ainda mais crítico porque é uma área que tem que lutar contra o antropocentrismo. E ter uma instância pública, que é ortodoxa num certo sentido, a reconhecer o tema e a dar dinheiro, que na altura foi uma soma considerável, um financiamento de praticamente 240 mil euros para um período de três anos de investigação, permite teres logo uma coisa que é central, que é captar recursos humanos. Portanto, foi possível contratar pessoas para fazer investigação. E foi possível construir um conjunto de coisas à volta disto.

LF: Houve também a Conferência Animais Companheiros , certo?

VP: Este foi um momento muito importante na construção desta área, conferência na qual, aliás, tu participaste. E eu acho que até porque tu participaste é muito importante trazê-lo aqui, porque certamente é isso que nos traz aqui hoje, senão não nos teríamos conhecido. Eu guardo todos esses momentos com enorme carinho no meu coração, porque é assim desde 2017. Foi um fluxo de coisas alinhadas, em que tu sentes que o caminho é por aqui. A conferência tem um papel muito importante porque ela foi a primeira conferência na área da Sociologia e da Antropologia sobre os estudos animais. E, portanto, foi um marco porque teve imensa adesão, considerando escalas portuguesas. Tivemos cento e tal participantes numa conferência que foi presencial, veio um keynote de França, o Jérôme Michalon, e abrimos duas tardes para discussão de papers, e tu apresentaste o teu paper, lembro perfeitamente desse dia. Vieste ter comigo e eu a pensar "olhem só, como é que esta moça vem do Brasil para a conferência?" [risos], fiquei muito impressionada. Isso para mim foi um sinal. E eu lembro perfeitamente da nossa conversa, foi cá fora no átrio, e eu disse: "por que é que não pensa em vir fazer um pós-doc aqui para Lisboa?". E isso para mim foi um sinal, e eu continuo convencida disto, e eu continuo a ter inputs disto com regularidade. Outras pessoas que eu encontrei nesta conferência, colegas que trabalhavam no ISCTE, que é o instituto ao lado, que tinham um interesse no tema, e eu nem sabia que eles estavam ali, e eles não sabiam que eu estava aqui. Portanto, foi um encontro, foi muito bonito de ver. Há uma utilidade nisto, ou seja, há valor, fazer algo que vai acrescentar valor. É óbvio que eu sabia dentro de mim que valia a pena lutar, porque vale sempre a pena lutar por tudo o que possa melhorar a vida dos animais. Mas eu percebi que também ia melhorar a vida dos académicos. Havia uma necessidade que não estava respondida, e, quando é assim, as coisas funcionam. A conferência foi um marco muito interessante e foi irrepetível, eu diria. Ela serviu para apanharmos o pulso do que se estava a fazer em Portugal. Nós agora fizemos uma grande conferência do CLAN , tivemos também cento e tal inscrições, foi online, já espelhando o pós-pandemia, mas teve

um porquê completamente diferente. Esta foi agora em setembro de 2022 e já espelha o resultado destes quatro anos de trabalho, a grande internacionalização que o Hub conseguiu nestes anos de trabalho.

LF: O CLAN foi então uma virada de chave, é isso?

VP: Foi um turning point importantíssimo. Eu considero que o CLAN é uma pedra angular do HAS Hub porque foi ele que permitiu alavancar recursos para pôr isto tudo em marcha. Eu propus várias coisas ao mesmo tempo. O que eu imaginei foi: vou imaginar como é que seria uma academia em que este tema estivesse presente. Precisávamos de um espaço para discutir textos, então fiz o reading group Animal Wonder. Estava o Animal Wonder a acontecer, fui a uma conferência em Atenas da European Sociological Association e consegui identificar uma colega finlandesa e um colega sueco com quem fui falar e a quem propus minha ideia de fazer uma escola de verão, e eles ficaram interessados. Quando cheguei a Lisboa começamos a montar a escola de verão, cuja primeira edição acontece em 2019. Essa escola de verão é fundamental, porque contactamos a Margo De Mello, do Animals and Society Institute (ASI), para participar. Ela fez a keynote, veio cá a Lisboa, e propôs-me candidatar ao prêmio do ASI.

É um prêmio que o instituto dá a projetos que tenham como missão desenvolver a área em países em que ela ainda não esteja desenvolvida. Eu chamei o Ricardo para essa aventura, e disse que gostaria de propor um curso pós-graduado em Animais e Sociedade. Vou propor o curso, vou propor a escola de verão, vou propor um livro, um manual e uma conferência. E o Ricardo disse-me "o que tu estás a propor é um Hub". Eu já tinha na minha cabeça propor um Hub, mas no início a pessoa pensa "será que isto está a ser grande demais?". E havia resistências. Então pensei que, se calhar, era melhor ter uma coisa mais modesta: propõe-se só um curso. Mas as outras coisas já estavam a acontecer. E o Ricardo disse "não, mas isso é claramente um Hub, acho que faz todo sentido chamá-lo Hub". E foi assim que eu propus uma coisa chamada Human-Animal Studies

Hub da Universidade de Lisboa que, apesar de ter uma filiação institucional no ICS, na verdade, a sua natureza é interdisciplinar e interuniversitária, ou seja, estão lá académicos não só de Portugal, mas também do Brasil, como tu, o Guilherme Sá, o Breno Vilela ou a Eveline Baptistella.

Então, pode-se dizer que, em termos de estrutura, o Human-Animal Studies Hub tem três pilares: o pilar da investigação, o pilar do ensino e o pilar da disseminação científica. No pilar da investigação, o projeto CLAN foi o projeto angular que durou quatro anos, cumpriu suas várias funções, e uma importante função foi a de projetar internacionalmente a investigação que se faz em Portugal e também no Brasil. O projeto CLAN também conseguiu receber investigadores visitantes, como tu própria e a Maria Saari, e, portanto, também teve essa função. O projeto encerrou em setembro de 2022 e agora abre-se uma nova etapa, em que vai haver um outro projeto angular.

O projeto que agora vai começar em maio se chama ABIDE tem a ver com a situação dos animais em fogos florestais e vai comparar três países: Brasil, Portugal e Austrália. É um projeto financiado pelo European Research Council e é uma bolsa individual ao investigador, que neste caso sou eu, para construir a sua equipa, uma bolsa de consolidação de carreira para desenvolver durante cinco anos um projeto que seja ground-breaking, que muda a configuração do campo ou da situação. Este projeto vai ser angular também por via do financiamento que traz; é um projeto com um financiamento único no quadro da investigação europeia. Mas este projeto vai receber dois milhões de euros exatamente para poder contratar uma equipa grande que dê conta deste desafio durante cinco anos. A ideia é transformar o campo a nível internacional também. Foram quatro anos com o CLAN a arrancar a área dos HAS e agora vão ser cinco anos com o ABIDE a consolidar a área com o ângulo específico de animais em contexto de catástrofes, de alterações climáticas, que aliás está na linha do que são as novas tendências de estudo.

Então, voltando um pouco, essa questão de termos ganho o prêmio do ASI foi central. O prêmio tem uma quantia financeira, era na altura 15 mil dólares, mas principalmente trouxe prestígio, um selo de reconhecimento, inclusivamente dentro da própria Universidade de Lisboa, do próprio ICS, dentro da comunidade académica dos HAS de língua inglesa, também. E foi muito bom podermos colaborar, aprender com a experiência do que já estava a ser feito lá. A construção da rede foi central, e eu acho que a prova de que o caminho é este, é que nós recebemos cada vez mais contato de pessoas que querem vir passar tempo no Hub, e eu acho que isto é fantástico, é uma riqueza enorme. Eu vejo muito o Hub como uma casa onde as pessoas possam se sentir seguras para poderem fazer trabalho sobre esta área e sobre estes temas sem sentirem que o que estão a fazer é esquisito, que é aquilo que certamente todos já sentimos, já nos devolveram essa imagem: “ah, mas agora vais estudar os animais, estudar os cãesinhos, auauau, miau miau” [risos]. Então a minha ambição foi sempre conseguir oferecer aos estudantes, aos colegas que já estão por aí espalhados a trabalhar sobre isto. Ninguém está a inventar a roda. Uns estamos a tentar abrir caminho, outros já estamos a trabalhar há muitos anos, mas de forma isolada. Então é tentar oferecer aqui um espaço onde possamos sentir-nos seguros, estimulados, ou seja, pessoas ótimas a fazer coisas com as quais podemos interagir, onde possamos sentir acolhidos, seguros, estimulados, e estabelecer parcerias, colaborações, construir uma lógica colaborativa, e não competitiva. Acho que essa é uma das grandes coisas que nós podemos aprender com as outras espécies, como as abelhas, como as formigas: nós somos mais fortes quando nos unimos em rede e não tanto quando estamos a querer destacar-nos, ou cada um para o seu lado. Não que isso não tenha que também ser uma coisa inerente a todo o trabalho académico, há fases de nosso trabalho em que temos que seguir mais solitários. A esses que nos possam estar a ler e que estejam nessas fases, saibam que estamos aqui todos no nosso lado solitário também. Mas realmente eu acho que a nossa força vem da colaboração. E essa é a missão do Hub, é poder ser essa casa que acolhe todos os que estão na área a trabalhar nestes termos. Sendo que não acolhemos quem esteja fazendo um trabalho muito

antropocêntrico. Isto é uma coisa sensível, não é? Porque às vezes, dependendo das áreas, há trabalhos que podem cair na exploração animal, e estes já não têm lugar aqui. Isso é muito sensível quando se tem que fazer trabalho de consultoria, por exemplo: colaborar com instâncias no sentido da construção de políticas públicas, ou com organizações que ainda são muito antropocêntricas, e então abre-se ali uma oportunidade, e nós queremos agarrá-la. Mas, se calhar, se agarramos demais, já vamos ter concessões que não podem ser feitas. E, portanto, qual é o exato momento em que nós temos que dizer que, a partir daqui, nós já não vamos? Isso é uma coisa que temos que discutir na área. Para mim, há ali uma linha muito clara a partir da qual eu não vou, mas se calhar a minha linha é um bocadinho diferente da tua, que é um bocadinho diferente do colega que está mais próximo de uma perspectiva welfarista, não é? Eu claramente sou abolicionista, nada do que para mim tenha uma representação de exploração animal é aceitável, mas, dito isto, nós temos que trabalhar com a sociedade que temos, com os grupos que temos, com as coisas que temos, não é?

LF: O HAS é um campo multi e interdisciplinar que se debruça sobre um escopo específico, que são as relações entre humanos e outros animais. Então eu queria ouvir um pouco da tua percepção sobre a emergência do campo, como ele surge.

VP: Eu tive ontem uma reunião com o Kenneth Shapiro para poder refletir em conjunto com ele, e ele vai-me ajudar também a pensar sobre isso, sobre as questões de sustentabilidade do campo, como é que ele pode crescer, como é que esse crescimento pode ser sustentável, os desafios, as questões as financiamento, os projetos. Eu penso que esse movimento do Hub espelha também o campo, porque começa com um projeto que é sobre a esfera da vida privada e vida pessoal, que é de onde eu venho em termos disciplinares, mas agora já expressa a maneira como os interesses de investigação na área estão a deslocar para uma articulação com os grandes problemas das alterações climáticas, da transdisciplinaridade. O ABIDE é um projeto transdisciplinar, enquanto o CLAN era muito disciplinar. Isso é interessante porque a nossa formação como

investigadores também vai interferir na maneira como o campo se constrói, não é? O CLAN estava muito ancorado na Sociologia. Isso tem a ver particularmente com a maneira como a ciência está estruturada em Portugal. Eu diria que não é só em Portugal, imagino que no Brasil seja de forma semelhante, está muito associada ao Manual Frascati. Quando nós concorremos a um projeto aqui na agência de financiamento, concorremos em áreas disciplinares, que, no meu caso, é na Antropologia e na Sociologia. Isso é algo que os antropólogos queixam-se muito, e com razão, porque a lógica nem sempre é semelhante. Sociólogos muito quantitativistas a avaliar projetos de Antropologia vai dar mau resultado, não é? E vice-versa, se calhar. O ABIDE é um projeto claramente transdisciplinar, vai ter biólogos, antropólogos, geógrafos, etólogos, portanto a proposta é realmente construir um conhecimento que seja transversal a estas áreas, pôr-nos todos a ler uns aos outros e realmente dialogarmos uns com os outros, é um desafio enorme [risos]. E isso já espelha muito o movimento que há na área, não é? Porque problemas a esta escala em que nós realmente estamos a ver que o humano e animal não dá para separar, tem que olhar para a vida não humana quando a vida humana está em risco. Não dá para olhar para a vida só humana. E foi muito bonito ver a maneira como nós todos já estamos a dialogar, biólogos, etólogos, portanto há claramente aqui um movimento.

LF: O que define os Human-Animal Studies então?

VP: Desde logo estamos aqui a falar em português e para uma audiência lusófona convém dizer que ainda não é um termo que esteja estabilizado em língua portuguesa. Eu ainda não encontrei uma designação. Estudos humano-animais, estudos de animais, estudos com animais, tudo isso traz implicações que merecem ser discutidas. Eu até agora não tenho traduzido muito, mas confesso que, quando estou a falar em português, sinto essa necessidade. Em inglês, também existem muitas expressões para definir o campo, como Anthrozoology, Animal Studies, Human-Animal Studies. Mas o que a literatura da área descreve como o foco dos Human-Animal Studies são as relações entre os humanos e os outros animais. Ou

seja, o que reúne os investigadores é o objeto, um bocadinho à semelhança dos Gender Studies, dos Race Studies, que são áreas onde podemos ter trabalhos da Sociologia, da Antropologia, da Economia, mas vão todos olhar para as desigualdades de gênero, para as desigualdades com base na pertença étnica, e, no nosso caso, com base na espécie. Vamos nos focar nas relações entre os animais humanos e não humanos em contexto. A palavra contexto é decisiva, precisamos de pôr em contexto. Portanto, há um consenso em contrariar as generalizações, porque elas favorecem bastante o exercício de poder. A designação, no entanto, tem um problema que, no meu entender, é central, que é a dicotomia humano-animal. Quando nós pomos "estudos humano-animais", com o hífen, nós estamos a reproduzir a dicotomia, o que, principalmente nos estudos de última vaga [onda], é altamente contestado. Se nos estudos da primeira vaga, de alguma maneira, principalmente naqueles que podiam reter algum antropocentrismo, podia-se perceber a dicotomia, nos estudos de última vaga, muito mais recentes nas teorias pós-humanistas de contestação das dicotomias e do questionamento da categoria de humano, isso deixa de fazer sentido. Eu, por exemplo, não me vejo na dicotomia, do ponto de vista ontológico e epistemológico; ela para mim não é útil. Por outro lado, do ponto de vista do sistema de poder, a dicotomia continua a existir, a sociedade continua a reproduzi-la. E, portanto, por esse lado, se calhar, continua a fazer sentido não a erradicar completamente, pelo menos como objeto de estudo. Porque senão corremos o risco de invisibilizar o que de fato continua a existir, ou seja, os animais não humanos continuam a ocupar um lugar que é muito desprivilegiado em relação à espécie humana, que continua a explorar massivamente todas as outras espécies. E, portanto, se nós erradicamos completamente esta dicotomia, temos que ter cuidado para não invisibilizar isto, que é uma dicotomia de poder. Portanto, estamos a identificar estes mecanismos, desconstruir e produzir uma sociedade mais justa para as outras espécies. Esta é uma decisão que, apesar de tudo, incorre em algum consenso.

LF: Em termos de disciplinas, quais são as principais influências deste campo?

VP: O campo é profundamente multidisciplinar. Para ele contribui o etólogo, biólogo, o antropólogo, o sociólogo, a Literatura, a Filosofia, a História. Isto é fundador, isto vai informar o olhar do estudioso desta área. Nós, acadêmicos que estamos a trabalhar nesta área, quando vamos olhar para a relação humano-animal para compreender as condições de vida de uma determinada espécie, vamos todos a olhar a partir dos nossos ângulos. Eu olho, por exemplo, a partir do ângulo das relações de poder; o geógrafo olha a partir da maneira como os animais ocupam os espaços que nós construímos; o biólogo olha a partir da interação com o ecossistema e com as características genéticas daquela espécie. Mas estamos todos a olhar para o mesmo, para as condições de vida daquela espécie, para suas condições sociais e para o modo como os humanos estão a interferir nesse modo de vida. Então é um olhar que, logo à partida, é cooperativo. É cooperativo com outras disciplinas e é cooperativo com outras espécies. É um olhar que vai trazer o que aquela espécie me pode estar a ensinar. E isto é crítico e um grande desafio. O Thomas Kuhn, quando fala da questão dos paradigmas serem incomensuráveis (Kuhn, 1997), ele está a falar na diacronia, mas nós podemos falar nisso na sincronia. Paradigmas disciplinares diferentes têm alguma incomensurabilidade também, ou seja, é quase como se não conseguissem dialogar. Mas é possível, e aí está o nosso desafio. Como é que nós vamos construir plataformas com outras disciplinas para realmente fazermos com que nossos trabalhos e nossos projetos forneçam olhares novos? Porque o olhar novo não virá de uma única disciplina, no meu ponto de vista. O olhar novo vai ter que vir da convergência de olhares e disciplinas diferentes, e de conseguirmos também importar, para o nosso pensamento, o olhar das outras espécies.

LF: E em termos históricos, como o campo evolui? É possível construir uma linearidade?

VP: A história do campo pode ser definida em quatro grandes levas, como classificam autores como Keneth Shapiro e Margo De Mello. Podemos organizar em décadas, obviamente com toda a porosidade que estas fronteiras de décadas

têm, não é? Há obras que estão ali a fazer a ponte, mas ajuda-nos a ter uma visão. A primeira grande leva vem nos anos 1980, mais devedora dos primeiros contributos dados pela Filosofia nos anos 1970. Há obras seminais como nesta área da Filosofia dos Direitos dos Animais, que, no campo, toda a gente já terá ouvido falar: o “Libertação Animal”, do Peter Singer, em 1975 (Singer, 2010), e no início dos anos 1980, “The Case For Animal Rights”, do Tom Regan (Regan, 2004). Este contributo veio trazer a discussão do estatuto moral dos animais e a questão do seu valor. Houve uma contestação do cartesianismo, que tinha equiparado os animais a máquinas, e houve uma recuperação de outros autores da Filosofia, como Montaigne. Isto alimentou os movimentos de proteção e direitos dos animais logo nos anos 1970, e quando os HAS começam a constituir-se como disciplina, eles bebem desta influência. Portanto, eu diria que isto são os antecedentes filosóficos, especulativos, do ponto de vista dos direitos. No fundo, tratava-se de dizer que os animais têm estatuto moral, que valem por si mesmos. Há dois outros antecedentes que vale a pena referir, que eu acho que são muito menos referidos que os outros: o trabalho da Ruth Harrison em 1964, “Animal Machines”, que foi a primeira grande crítica aos métodos de confinamento intensivo de animais na agricultura (Harrison, 2013). Este trabalho esteve na origem do relatório Brambell, que saiu em 1965, e que deu origem à ciência do Bem-estar Animal, uma ciência muito empírica, que produziu um conjunto indicadores para verificar se os animais estão em sofrimento ou não, depois de denúncias do estado horrível em que estavam os animais de produção intensiva. Infelizmente, tem aumentado muitíssimo o número de animais em produção intensiva, isto é uma coisa paradoxal. À medida que cresce a consciência social do sofrimento animal, e que cresce também a consciência do estatuto moral dos animais, na academia há uma explosão dos estudos e da relevância do campo, mas, paradoxalmente, no mundo há muito mais animais em produção intensiva hoje do que havia na altura, em 1964. Isso é um paradoxo que, mesmo que não deva nos desanimar, nos deve preocupar. O outro livro que eu gostava de referir é o do Richard Ryder, “Victims of Science” (Ryder, 1975). Foi publicado em 1975 e fez uma crítica do uso de animais na investigação do laboratório. Esta obra introduziu o termo especismo, que, às

vezes, as pessoas acham que foi o Peter Singer que introduziu, mas não foi. Portanto, nos anos 1980, quando começa realmente a surgir o trabalho das Ciências Sociais sobre as relações humano-animais, vêm beber desta legitimação que começa a abrir no campo da Filosofia.

No início da década, o campo se situa principalmente nas Ciências Sociais mais empíricas, e não tanto nas Humanidades. A Sociologia começou aqui a produzir trabalhos; há muito trabalho nos Estados Unidos nesta fase. É um trabalho muito quantitativo, muito ligado à Psicologia Desenvolvimentista, à Psicologia Social, com foco na importância que os animais têm no desenvolvimento das crianças. O laço que há entre violência sobre pessoas, mulheres e crianças em particular, e violência sobre animais, sendo os animais indicadores dessa violência. Esses trabalhos começam a revelar a grande diversidade nas relações humano-animal, com muito foco nos benefícios que os animais trazem para os humanos, portanto ainda antropocêntrica, muito centrada ainda no humano. Do ponto de vista das ciências mais interpretativas e das Humanidades, e aqui eu incluo a História, os Estudos Culturais, a Literatura, dedicaram-se a estudar as questões que subjazem essas relações, os contextos. Por exemplo, o antropocentrismo nas representações dos animais. Então, vamos aqui falar em vagas. Nos anos 1980, surge nos Estados Unidos o Tufts Center for Animals and Public Policy, um dos primeiros centros para estudo dessas questões. Em 1988, surge uma importante revista que é a *Anthrozoos*, que tem um fator de impacto mais alto, e claramente interdisciplinar. Eu estou aqui a baralhar coisas científicas com institucionalização do campo, mas são fundamentais, porque, se nós não temos um fórum onde publicar, nós não conseguimos ser reconhecidos. Conseguir fazer passar artigos sobre animais em revistas mainstream que não tinham esse foco era muito difícil nesta altura.

Em termos das ciências como a Sociologia, há um grande foco nos animais de companhia e em estudos quantitativos. Em termos de obras, eu descartaria o estudo do James Serpell, "In the company of animals" (Serpell, 1996). Em termos

das ciências mais interpretativas e humanidades, na História, eu focaria no estudo do papel das relações humano-animal ao longo da história, eu destacaria o trabalho do Keith Thomas, "Man and the natural world" (Thomas, 1991), um trabalho de 1983. Nos estudos literários, muita coisa sobre os animais como símbolos, há aqui um trabalho que eu também destacaria, que é o "Dominance and affection", do Yi-Fu Tuan (Tuan, 2003), de 1984, porque é um trabalho mais crítico, em que ele vem dizer que gostar de animais também pode ser uma forma de os dominar, de os humanos exercerem domínio sobre a espécie. O do Keith Thomas é muito importante, porque ele coloca numa perspectiva histórica da diacronia. A historicização, para os cientistas sociais, como sabemos, é fundamental, porque é historicizando que nós percebemos que os fenômenos têm uma origem social e não natural. O senso comum tende a dizer: "ah, é natural"; e nós dizemos: "não, é socialmente construído, porque senão não tinha mudado de época histórica em época histórica". E o Keith Thomas faz isso neste trabalho, demonstrando, por exemplo, como a importância dos animais de companhia não é uma coisa do século XX, já remonta pelo menos à Idade Moderna. Mais para o final da década, eu destacaria um trabalho muito importante da Donna Haraway, uma autora que vale a pena referir na área, que é o "Primate Visions" (Haraway, 1989). Eu também gostava de destacar o trabalho do Tim Ingold, em uma coletânea de textos de vários autores que participaram numa conferência muito importante. O Tim Ingold é um antropólogo que abriu uma questão em diálogo com os biólogos, o livro é de 1988 e chama-se "What is an animal?" (Ingold, 1994). Este questionamento, "o que é um animal?", abriu aqui uma discussão muito importante. Isto é a primeira vaga.

Agora, a segunda vaga. Nos anos 1990, há uma outra revista que surge, a Society and Animals, de 1993. E vai haver um alargamento do âmbito e do olhar a todos os tipos de relações humano-animal, não só aquelas que beneficiam os humanos. Os anos 90 são uma década em que nós começamos a olhar para o lado sombrio das coisas em termos acadêmicos. Portanto, também olhamos para os maus tratos sobre animais. Continuava um foco bastante grande no laço humano-animal, embora ainda numa perspectiva centrada no humano, mas com muito mais ênfase

nos métodos qualitativos, que vão dar mais tessitura à coisa, mais profundidade, mais complexidade. Aqui, a Geografia Humana vai emergir como uma disciplina muito contributiva do campo. E há uma ligação muito importante, que é com os Estudos de Gênero. Aqui, as feministas e as ecofeministas fizeram um trabalho fundamental. Eu destacaria um trabalho de 1990 da Carol Adams, o “The sexual politics of meat” (Adams, 2012). As ecofeministas trazem para a área um conceito muitíssimo profícuo que é o de interseccionalidade. Elas chamaram a atenção para o modo como as desigualdades se sobrepõem. Portanto, as desigualdades de espécie são uma outra desigualdade que se vem somar à desigualdade de gênero, de meio social, econômica, etc. Há também outro trabalho da Carol Adams e da Josephine Donovan de 1994 que é “Animals and women: feminist theoretical explorations” (Adams & Donovan, 1995).

Há duas outras obras que foram muito importantes nesta década. Uma delas é a “Regarding animals” (Arluke & Sanders, 1996), do Arnold Arluke e Clinton Sanders, de 1996, e é muito importante porque vai trazer o os animais como objeto legítimo de estudo. Há o “Animal geographies” (Wolch & Emel, 1998), da Jody Emel e Jennifer Wolch. Uma coisa que vale a pena dizer, só para finalizar os anos 90, é uma expressão do Kenneth Shapiro: nesta altura o campo começa a se consolidar, tornar-se sólido, mas continua nas margens. Sólido porque começa a ter mais revistas e publicações, o objeto começa a ser legítimo, há cada vez mais acadêmicos a fazerem investigação; mas ainda nas margens, porque continua a não ser reconhecido nas disciplinas mainstream. Portanto, continuamos a ter resistência e uma limitada aceitação. E como isto se pode ser traduzido em termos mais práticos? Em termos de custos, não é? Há custos pessoais e de carreira para um acadêmico nesta fase em assumir como tópico exclusivo o estudo dos animais. Por exemplo, na altura de candidatar-se a um lugar, não ia conseguir ter uma posição tão competitiva como os colegas que tinham outros objetos de estudo. Isto não é exclusivo da área dos animais, isto é inerente às constituições dos campos. Eu trabalhei na área da sexualidade e lembro-me de ter esta discussão exatamente sobre isto com um colega, e lembro-me de ele dizer nesta altura: “tem

cuidado, vais estudar só sexualidade, não estudas mais nada, depois também nunca mais consegues encontrar um lugar”. E eu passei de uma área que era assim para outra área que também é assim [risos].

A terceira vaga é primeira década dos anos 2000. Aqui, o que eu acho que caracteriza o campo é um deslocamento do olhar e uma revisão dos princípios teóricos de base. Até então há uma abordagem desta relação entre humano e animal quase ingênua, como se ela estivesse ali para ser observada, estudada. E aqui, nos anos 2000, vai-se mais abaixo no questionamento filosófico e teórico disso. Por exemplo, em décadas anteriores fala-se sobre a relação entre a criança e o animal. Pronto, a relação está ali para ser estudada. Como se fosse um a priori da realidade. E aqui vai haver um questionamento muito sério sobre como se constitui essa realidade. É aqui que começa a emergir a questão da ontologia relacional. Questões como a perspectiva do animal começam a surgir nesta década; a importância do corpo como interface comunicativa entre espécies; como se corporifica esta experiência; como é que a experiência que eu tenho da Coco, que veio agora aqui, vai construir uma empatia maior ou menor, etc. O próprio questionamento da categorização humano-animal e suas implicações em termos políticos, em termos de das condições de vida dos animais. O estudo da fronteira entre as espécies.

Eu própria situo-me ainda bastante aqui, meu trabalho situa-se no questionamento da fronteira entre espécies. Isto é o mesmo que falar no estudo do contínuo [humano-animal], perceber quais são as continuidades, o que nos aproxima mais do que o que nos separa. O estudo da co-construção do mundo, o co-becoming. E isto vem com o questionamento de dualismos e dicotomias, a implosão e revisão das dicotomias em geral, como sujeito-objeto, observador-observado. Animais passam a ser parceiros, co-construtores da investigação. Então isto, em termos de bases, vai beber aos “pós”: pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-humanismo. É daí que vem essa implosão toda. E a questão animal vai beber muito à revisão de autores como Derrida, Foucault, Deleuze e

Guattari, e, portanto, os investigadores vão à procura de onde está o animal. Onde está o animal dentro de nós, humanos; onde está o animal no animal. O animal que logo sou, como o Derrida fala em relação a sua gata (Derrida, 1999). Vai-se revisar o "Becoming animal" do Mil Platôs (Deleuze, 2000). E faz uma ligação com os Affect Studies, que tinham se desenvolvido também a partir do início dos anos 2000. E aqui eu citaria a Elisabeth de Fontenay, com o "Silence des bêtes" (De Fontenay, 2014), a Vincianne Despret, com "O que diriam os animais?" (Despret, 2021a), e aquele artigo dela de 2004, "The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis" (Despret, 2004). O trabalho da Despret, que é uma filósofa, vai dialogar muito bem com a Biologia, vai dialogar muito bem com os cientistas naturais. Ela é uma filósofa empírica, que é uma área muito interessante, porque sai do ramo especulativo para observar. Não observam com nossos métodos sistemáticos, mas informam sua reflexão filosófica com a observação empírica. Há a tese de doutoramento da Despret, que se chama "The dance of the Arabian Babbler", em que ela observou um etólogo a observar pássaros no norte d'África (Despret, 2021b). O trabalho dela é muito em articulação com os Estudos de Ciência e Tecnologia, e as práticas sociais, neste caso práticas de produção científica a propósito dos animais. E isto vai abrir aqui todo um campo também falando de Estudos de Ciência e Tecnologia. A obra do Bruno Latour também vai dar aqui um contributo muito importante, e todas as flat ontologies. Em 2007, ele publica "Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory" (Latour, 2012). Outro exemplo é o Giorgio Agamben, com "O aberto: o homem e o animal" (Agamben, 2013). Também o Dominique Lestel, com "L'animalité: essai sur le statut de l'humain" (Lestel, 1996). A Donna Haraway, com o "Companion Species Manifesto" (Haraway, 2021), que é uma obra de 2003, e depois ela publica a "When species meet" (Haraway, 2022), em 2007.

Portanto, a terceira vaga vem fazer três coisas: primeiro, vem fazer um questionamento dos fundamentos teórico-filosóficos, essa implosão das dicotomias; no segundo eixo, há um reforço da ligação ao ativismo e à politização, e aqui este reforço está refletido na emergência dos Critical Animal Studies e no

seu ganho de visibilidade, com, em 2001, a fundação do Institute for Critical Animal Studies, baseado nos Estados Unidos, e depois começam a nascer mais noutros países. Os Critical Animal Studies como linha de reflexão já existiam no campo, mas estavam dispersos, então aqui começa a se consolidar como uma espécie de campo próprio, político, com fim abolicionista, de libertação animal total. Portanto, nos Critical Animal Studies, há esta ligação à militância pela defesa dos direitos dos animais. Há também um reforço na institucionalização porque começa a haver uma expansão do campo no mundo, começa a haver mais pessoas a fazer teses, começa a haver mais programas de ensino, há uma explosão nas publicações. Em 2012, é publicado o primeiro manual, que é o “Animals and society: an introduction to human-animal studies” (Demello, 2012), de Margo De Mello. Hoje em dia, só para termos uma noção, a primeira revista nasceu em 1987, e hoje em dia há 20. E há pelo menos 10 linhas de publicação de livros, portanto há 10 coleções em editoras onde é possível propor um livro sobre isto. Portanto, nestes 40 anos o campo cresceu.

Agora acho que vale a pena falar da quarta vaga, que é dos 2010 para cá. Nesta quarta vaga, há uma coisa muito importante que acontece, que é uma viragem animal dentro da viragem animal, como diz o Kenneth Shapiro. Essa viragem, eu quase que a ponho em uma quinta vaga, porque é recente. Os estudos começam a virar-se para trazer o olhar do animal. Portanto, chega de estarmos a olhar as relações dos humanos e animais só exclusivamente com base no foco do que os humanos fazem. Para dar um exemplo, o CLAN é um bocadinho pré-viragem: vamos olhar para as condições dos animais de companhia dentro das famílias portuguesas, mas entramos principalmente em perguntar aos pais e às crianças, depois observamos também os cães, os gatos e os outros animais na casa, mas não conseguimos trazer o imprint desses animais para o trabalho ainda. Entretanto, a perspectiva do ABIDE já pretende trazer o olhar dos animais para a nossa compreensão dos desastres e consegue fazer isto ao mesmo tempo que expande a viragem afetiva, com um grande enfoque na Affect Theory e dentro das flat ontologies. Um conhecimento que é rizomático, que é multipolar, que não é

hierárquico, que é relacional, que é mútuo. E também numa viragem política, ou seja, que isto tenha implicações políticas. Não numa linha vertical, em que os humanos assumem uma tarefa de libertar outra espécie, mas numa linha muito mais horizontal.

Estamos a tentar trazer as perspectivas das outras espécies, colocando-nos ao mesmo nível e tentando inventar mundos mais justos. A terminologia da justiça multiespécies começa a ganhar lastro nesta fase, como a justiça climática também, etc. Aqui, eu acho que o pós-humanismo crítico e o novo materialismo são contributos importantes para esta quarta vaga, mas não são os únicos, porque, ao mesmo tempo, há um reforço dos Critical Animal Studies, e das perspectivas que vão recuperar essas lutas de poder. Quanto às obras, eu destacaria o "The Multispecies Salon" (Kirksey, 2014), editado pelo Eben Kirksey. Também destacaria a Donna Haraway, com "Staying with the Trouble" (Haraway, 2016), e muitas outras mais. Também há muito mais conferências e as conferências começam a ser muito multidisciplinares. Traz-se muito o olhar das artes, das artes performativas, das artes plásticas, o próprio "The Multispecies Salon", organizada pelo Eben Kirksey, é um ótimo exemplo disso. É uma obra importante para cunhar o termo "metodologias multiespécies"; percebe-se como se está realmente a tentar entrar na mundividência de outras espécies, e a fazer uma convergência da nossa mundividência humana com a de outras espécies. Entretanto, o Eben Kirksey tem agora um novo livro que ele coedita com mais dois colegas que é "The Promise of Multispecies Justice" (Chao, Bolender & Kirksey, 2022), e é até uma proposta parecida.

LF: E o que seriam essas "metodologias multiespécies"?

VP: A primeira coisa que há a dizer é que elas constituem-se com contributos multidisciplinares. Portanto, convergem disciplinas muito diversas, de paradigmas e de famílias disciplinares muito diferentes: a Geografia Humana, a Ecologia, as disciplinas mais afetas às Ciências Sociais, como a Sociologia, a Psicologia, a

Antropologia, ou disciplinas mais afetas àquilo que costumamos designar Ciências Naturais, como a Zoologia, a Biologia, a Etologia, a Medicina Veterinária, a Ciência do Bem-Estar Animal. Todas elas e outras contribuem para esta área, para esta família metodológica que chamamos os Estudos Multiespécies. Se pensarmos em nós temáticos desta área de estudos, temos temas tão diversos como: animais e direitos, a lei, a regulação, mais trabalhado pelas Ciências Jurídicas; as desigualdades sociais, a pobreza, o gênero, a etnicidade, a pertença de espécie e a forma como todas estas pertenças se entrecruzam para criar situações de maior ou menor vulnerabilidade, muito trabalhadas por disciplinas das Ciências Sociais; as questões da saúde humana e do bem-estar dos humanos, incluindo terapias assistidas com animais, muito trabalhadas quer pela Medicina, quer pela Psicologia; questões do crime e violência, incluindo sobre crianças e mulheres; questões de urbano, dos animais que vivem na cidade, que se cruzam, quer com a Geografia e as questões do território, quer com as questões sobre a maneira como este território é planejado, com a Arquitetura; as espécies selvagens, a conservação, e aqui cruza-se com a Biologia, com a Ecologia, com as Ciências do Ambiente, com a Engenharia Florestal; questões do consumo, da alimentação, da comodificação, a transformação dos animais em mercadoria para servir os interesses da sociedade de consumo e do capitalismo tardio, a comercialização à volta dos animais e toda a cultura material construída à volta da questão animal, tudo isto muito trabalhado quer pelas Ciências Sociais, como a Sociologia do Consumo, quer pelas áreas do Marketing e da Gestão; as questões do entretenimento, incluindo os parques zoológicos, os circos, as corridas, as lutas, as performances com animais; as questões da representação e cultura; a experimentação animal; as questões dos animais de trabalho e suas condições de trabalho, e depois de aposentadoria, que também tem a ver com as organizações. Como vemos, temos muitas áreas diferentes e não esgotei nem metade dos temas que nós trabalhamos. Há todo um contributo aqui; é como se muitos de nós, que estamos interessados em compreender como é a vida dos animais e como podemos contribuir para a melhorar, estivéssemos a olhar para estes temas, cada um do seu ponto de vista.

A questão é que muitas destas áreas têm um foco predominantemente antropocêntrico, enquanto outras têm o foco já bastante crítico. Portanto, só se qualifica para ter este olhar das metodologias multiespécies e dos estudos multiespécies quando realmente o foco já não é só o humano, mas é a relação entre o humano e as outras espécies, ou as próprias espécies, ao tentarmos compreender quais são os seus pontos de vista. Do ponto de vista das metodologias, eu diria que uma das coisas que tem caracterizado a área no seu início é que não possuía um corpo de metodologias específicas, mas sim das diversas disciplinas cujos olhares estavam a contribuir para conhecer essas realidades. Portanto, muitos dos estudos, principalmente os da primeira e da segunda vaga, eram estudos que traziam estas metodologias. Por exemplo, estudos muito informados pela Sociologia recorreram e continuam a recorrer a entrevistas em profundidade aos humanos, inquéritos para caracterização da situação de vida das famílias, etc. Da Antropologia virá a grande riqueza das etnografias multiespécies. A Etologia, observação do comportamento animal, a Psicologia criando escalas para estudar os processos humanos relacionados com a interação com animais. A Literatura, a História, a Filosofia, com métodos mais hermenêuticos, as próprias Artes, principalmente na última vaga de estudos multiespécies. A partir dos anos 2000, começa-se uma tentativa de consolidar metodologias que sejam mais próprias do campo, e o termo “metodologias multiespécies” começa a ganhar fôlego. Trata-se de uma rede de conhecimentos e de métodos para os quais contribuem tanto métodos tradicionais, métodos já utilizados anteriormente para estudar as relações só entre humanos, e fazem conversar com métodos ditos das Ciências Naturais. A partir dos anos 2010, vê-se uma tentativa de interdisciplinaridade, no sentido de novos objetos de estudo serem construídos com o contributo ativo de cientistas de áreas muito diferentes, como antropólogos e biólogos, zoólogos e sociólogos, artistas visuais, com metodologias muito distintas. Tudo isso para construir um novo olhar que pretende realmente descentrar o humano, desantropocentrizar, trazer o animal para o centro, trazer a relação para o centro e realmente desmontar o humanismo que permeou o conhecimento científico desde a modernidade.

LF: Então relação é a palavra-chave aqui?

VP: Sim, e neste ponto queria fazer aqui três ou quatro referências que me parecem importantes para se perceber o que são as metodologias multiespécies. As metodologias multiespécies assentam todas em duas ou três coisas. Uma, é na noção de "emaranhado multiespécies". O seu olhar está nesta ideia de que as formas de vida no planeta são emaranhadas, portanto não dá para olhar só para o humano, porque o humano não está nunca isolado nem sozinho, ele está emaranhado. Portanto, está-se a olhar para um humano, e ao mesmo tempo para as bactérias que ele carrega, para os animais com que cruza ao longo do dia, para os animais invisíveis que ele próprio está a contribuir para oprimir, às vezes sem saber, por exemplo, quando usa sapatos de couro. Portanto, é impossível olhar para uma espécie ou para outra olhando só para ela, de forma isolada de outras espécies. O segundo aspecto está relacionado com este. Quando nós usamos este tipo de metodologias, o nosso foco nunca é nos participantes individuais, mas as relações em que eles estão incluídos, e como essas relações, como essas interações entre eles constituem elas próprias a relacionalidade. Portanto, há aqui uma ontologia relacional: aquilo que aquele ser vivo é emerge das relações em que se encontra. Portanto, há um anti-essencialismo. A noção de comunidade multiespécies, de que várias espécies vivem em articulação, é determinante para a própria existência da vida. E isto leva a um terceiro aspecto que é o da interdependência. Todas as formas de vida se desenvolvem e coexistem de forma interdependente, não há uma autonomia das unidades. E quando nós olhamos, nós precisamos estar à procura dessas relações, como elas contribuem umas para as outras. Isto faz com que nós coloquemos o nosso olhar no rizoma, na rede, na multipolaridade. Não há um centro.

Há ainda algo que é um pouco transversal às metodologias que eu conheço nesta área, que é o exercício ativo de duas coisas. Primeiro, um exercício ativo de uma atenção profunda a todas as formas de vida e à sua diversidade e à maneira como elas se interrelacionam. As metodologias multiespécies são feitas de práticas

concretas, que variam de estudo para estudo, mas que têm esta abertura à maneira como aquela vida se vai expressar, uma abertura ao outro. E o segundo aspecto é que há um compromisso muito sério de colaboração. Ou seja, e isto é uma expressão da Rosi Braidotti, nós somos todos únicos, e somos todos diferentes, mas estamos todos juntos nisto. E estas práticas concretas de abertura ao outro e de uma atenção profunda à maneira como aquela vida se expressa está profundamente relacionada com o compromisso ético, ao exercício da nossa responsabilidade ética individual e coletiva como espécie, de cuidado ao outro, de cuidado em relação à nossa própria espécie e de cuidado em relação às outras espécies. São, portanto, métodos predominantemente holísticos ou compreensivos a abordar o contexto e a complexidade. Procuram sempre a aprendizagem com outro animal, esta capacidade de nos maravilharmos, a capacidade de nos abirmos, estas práticas concretas de atenção plena ao outro. Tem muito a ver com este maravilhamento ao outro. E são plurais. Inclusive trabalham muitíssimo com metodologias indígenas numa lógica de que a ciência ocidental possa aprender humildemente com o que outras formas de conhecimento, algumas delas milenares, têm a ensinar. E também aprender humildemente com as próprias espécies animais. Portanto, são disruptivos da especialização metodológica disciplinar. São altamente desconfortáveis nesse sentido: convidam-nos a sair desta nossa área de especialização e propõem inovações radicais. Aqui elas estão mesmo a inovar, construir um corpo metodológico próprio desta área, inovações radicais propostas a partir do uso articulado entre tecnologia, arte e ciência. Aqui é possível criar novos métodos específicos dos estudos das relações humanas e animais e sempre na articulação com a inovação conceitual.

LF: Há obras chave para entendermos essas metodologias?

VP: Eu destacaria duas outras obras que considero muito importantes, além das que já disse. Uma é a obra da Linda Hamilton e da Nik Taylor, “Ethnography after humanism” (Hamilton & Taylor, 2017), em que elas propõem uma reflexão a partir

do seu olhar de cientistas sociais. A outra é a "Feral Atlas", da Anna Tsing (Tsing *et al.*, 2020). É uma obra coletiva, editada por vários autores, está online, e é muito interessante para perceber essas potencialidades do online e da utilização de imagem em movimento, a articulação das técnicas, das artes variadas, das ciências sociais ou as ditas naturais, na construção de um conhecimento que nos ajude a compreender a maneira como as diversas espécies estão a se adaptar a este mundo ameaçado pelas alterações climáticas, o *more than human anthropocene*. Eu destacaria estas obras, sempre com muita injustiça, porque sempre há muitas outras.

Gostava também de destacar, para finalizar, três ou quatro princípios ou marcos metodológicos que eu acho que são distintivos deste tipo de metodologias. A primeira tem a ver com a performatividade e com a questão do corpo. As metodologias multiespécies deslocam-se de uma abordagem muito mental ou conceitual, por exemplo nos estudos construtivistas da primeira e da segunda vaga, muito devedores da Sociologia e do Interacionismo Simbólico, bastante focados na viragem cultural e viragem relacional, mas ainda muito pouco atentos à maneira como os corpos se afetam no aqui e agora, no imediato. E esta viragem descritiva que a teoria das práticas trouxe vai ser muito importante nas metodologias multiespécies, porque vai permitir este foco no corpo performativo e na maneira como a performance de um corpo introduz uma dinâmica que é única e que ajuda a compreender aquela realidade. Ela vai permitir ultrapassar falsos bloqueios que permitiam que nosso olhar continuasse bastante antropocêntrico, e que permitiam a manutenção de uma certa hierarquia em que o humano continuava a ter sempre a predominância. Por exemplo, a questão do símbolo, ou da importância da linguagem verbal. Quando nós colocamos o foco nos corpos performativos, que favorece a descrição das práticas, perguntamos: o que é que aqueles corpos estão a fazer aqui e agora, concretamente? Em detrimento de uma explicação muito assente no símbolo, no significado. Isto muda completamente de figura, traz aqui um outro olhar.

Um segundo marco metodológico eu diria que é a utilização de zonas de contato, e estou a usar uma expressão de Donna Haraway. A importância desta expressão é a ênfase nestes estudos e nas metodologias multiespécies de escolher locais de pesquisa que estimulem o encontro multiespécies. Podem ser locais rotinizados, como um abrigo de animais errantes, um jardim zoológico, uma unidade de animais para produção alimentar, um laboratório, em que podemos fazer ali um zoom e observar como se dão esses encontros multiespécies, em etnografias de contato ou de conexão, a vida tal como ela acontece, na interseção entre múltiplos seres naquele contexto. Podem ser outros ambientes, como florestas, desertos, o mar, os oceanos. Mas não só, podem ser as aldeias, as cidades, estas zonas de contato não rotinizadas, mais abrangentes. Em todo caso, elas colocam o foco nas interseções, naqueles encontros.

Um terceiro aspecto é o foco numa espécie ou várias, e a reconsideração dessa espécie. É muito comum encontrarmos e cada vez mais, principalmente nesta última vaga de estudos, o foco em espécies. Um autor muito importante em que vemos isto é o Thom Van Dooren. Ele trabalhou num dos seus livros sobre corvos de várias espécies e de várias partes do mundo (Van Dooren, 2019). E num livro mais recente, sobre caracóis (Van Dooren, 2022). Este foco nas espécies é muito interessante porque ele permite aprofundar e comparar, de várias perspectivas, a vida daquela espécie e a contribuição daquela espécie para a vida com os humanos, para esta vivência no antropoceno, e permite ressignificá-la, permite-nos ver aquela experiência a uma luz diferente. Eu penso que este foco e reconsideração das espécies nesta área é muito importante para compreender as metodologias multiespécies.

Finalmente, é importante para compreender estas metodologias o enfoque no storytelling, na forma como se pode entrar de uma maneira nova no mundo de vida de outra espécie através da sua história, da narração da sua história, e também o modo como nós podemos usar a narração dessa história para construir novos quadros mentais que nos permitam, do ponto de vista ético, engajar com essas

espécies de uma maneira mais justa, portanto construir novas histórias. Isso utilizando metodologias visuais, a fotografia, o filme, a imagem em movimento, a imagem parada, o desenho, a arte. Aqui há a importância das artes plásticas, literatura, cinema, desenho, escultura, arquitetura, design.

LF: E como as organizações e a gestão aparecem nos HAS?

VP: Do meu conhecimento, há estudos, estou a recordar principalmente os da Lindsay Hamilton. Ela vem da área da gestão, das organizações, e tem um trabalho muitíssimo interessante que é o trabalho que eu conheço melhor na área das organizações, mas sei que existem outros publicados na Human Relations, por exemplo, portanto já existe algum trabalho. Não creio que seja muito extensivo, porque a área das organizações é bastante antropocêntrica. Como sabemos, todo o sistema capitalista está centrado na exploração animal. Há trabalhos sobre os cães e os gatos nas organizações. Por exemplo, os gatos que surgem nas bibliotecas, a maneira como os cães podem servir para reduzir o stress dos colaboradores, construir ambientes de trabalho mais animal friendly, que são também mais human friendly, no sentido em que, se os cães estiverem lá, se as pessoas puderem ter os seus animais junto de si, têm menos stress e são, portanto, mais produtivas. A Lindsay Hamilton tem um posicionamento crítico e tem um grande foco na desantropocentrização desta área, tal como tu. Como os animais podem ajudar-nos a construir um mundo organizativo mais justo para os humanos, para nem falar dos animais, as práticas que podem realmente desorganizar o antropocentrismo. Isso é, do meu ponto de vista, um dos contributos mais importantes que esta área pode ter.

LF: Então há espaço para agendas de pesquisa comuns com o HAS?

VP: Eu diria que, em termos de agendas de pesquisa, a relevância dos estudos dos animais nas organizações é central em duas coisas. A primeira é demonstrar como as organizações, nomeadamente as organizações capitalistas, estão

extremamente ligadas à exploração animal. É praticamente impossível no capitalismo não encontrarmos exploração animal. A invisibilização dos animais nessas organizações é total e o contributo que eles estão a dar de forma sacrificial, invisível e involuntária, pois não podem escolher, é enorme e invisibilizado de propósito, porque não há interesse em demonstrá-lo. Além disso, as organizações são excludentes dos animais; elas excluem-nos, com exceções, obviamente, mas que não são a regra. Basta pensar na própria arquitetura dos edifícios em que trabalhamos, e aqui estou a falar em organizações ocidentais, do capitalismo tardio. Toda a lógica da produtividade é uma lógica que não beneficia também os humanos, na verdade. Mas, por exemplo, os edifícios dos escritórios deste capitalismo tardio, eles excluem os animais. Portanto, nem sequer um inseto se pode ver. Se há uma formiga, põe-se inseticida; se há mosquito, tenta-se expelir o mosquito. Os cães não eram permitidos, gatos muito menos. Apesar disso, como nós sabemos, as organizações se tornam ferais. Elas são muitas vezes apropriadas por outras espécies que se adaptam: há pombos no telhado; há formigueiros; há formigas que conseguem passar; há baratas; há ratos; há pássaros que começam a ocupar o território que ocupam as varandas, que fazem ninhos nas varandas dos edifícios. E quando isso acontece, curiosamente, muitas vezes os humanos sentem-se a aproximar-se da natureza.

Portanto, há muito a fazer na área das organizações e dos animais, no sentido de desantropocentrizar, em dois sentidos. Primeiro, desmontar esta lógica de exploração animal que as organizações do capitalismo tardio ou avançado assentam. E aí temos a questão mais grave, que é dos animais para consumo alimentar e para experimentação, porque são completamente invisibilizados. Mas também desantropocentrizar as organizações, no sentido de perceber que incluir os animais é uma coisa positiva, além de ser indispensável. Ou seja, não é possível não incluir os animais na lógica dos tais emaranhados multiespécies, porque nós, humanos, somos um emaranhado com outras espécies. Portanto, não dá para ter uma organização só para humanos, porque, ao ter uma organização para humanos, estamos automaticamente a ter uma organização também para outras espécies

que os seres humanos trazem agarrados a si. Estamos a ter os parasitas que os humanos trazem, ou animais que começam a entrar mais na narrativa mainstream, como animais de companhia.

Uma questão central relativa aos animais de companhia nas organizações é o custo que tem para uma organização, por exemplo, quando um animal de companhia está doente e morre, porque isso causa um sofrimento mental e às vezes com repercussões físicas nos colaboradores. Durante todo o período de doença em que é preciso dar assistência, se for doença crônica ou prolongada, ainda mais. Há um desgaste, uma menor disponibilidade em termos de tempo, o colaborador precisa dar mais assistência, e não existem políticas, pelo menos em Portugal não existem, para aliviar os colaboradores nessas fases, como há com os filhos, ainda que não suficientes, mas não existem de todo em relação aos animais. Acabou agora de ser submetido um projeto para conceder dias de luto quando morre um animal de companhia; seria uma revolução na nossa lei, porque até agora quem perde um animal de companhia não tem direito a dias de luto, e o impacto emocional que pode ter a perda de um animal de companhia está estudado pelos especialistas do luto, que pode ser o mesmo do que perder um humano. Para quem se envolve no processo de cuidar, e depois no luto, não existe grande distinção entre ser humano ou não humano quando o ente querido morre ou está doente; para quem se envolve de forma afetiva com esse ente querido, não importa a espécie desse ente querido. E, portanto, não haver uma política de acolhimento na organização, quer de compreensão por parte das chefias, de perceber que, naquela fase, o colaborador vai ter menos produtividade, vai estar menos responsivo, pode precisar de ajuda, pode precisar de apoio psicológico, de uma estrutura de suporte, que seria multiespécies ela própria. Não é uma estrutura de suporte só para as pessoas que perdem animais: é uma estrutura de suporte para as pessoas que perdem entes queridos, sejam animais ou não. Em Portugal, temos já algumas estruturas organizativas de suporte, mas que são externas às organizações. Por exemplo, existem consultas de apoio ao luto em que os

especialistas já integram a questão dos animais. Certamente, existe um grande trabalho a fazer neste sentido e é uma grande área para trabalhar.

Depois, uma outra linha muito mais crítica, alinhada com os Critical Animal Studies, é a de desantropocentrizar a organização, pondo a nu, revelando a maneira como as organizações estão construídas na exploração animal e propondo alternativas para isso, alinhadas com a justiça multiespécies. Ou seja, como é possível uma organização justa para todas as espécies, e não só para algumas? Que na verdade nem para a espécie humana é justa, como sabemos.

Uma terceira linha, muito próxima desta, mas talvez mais operacional, é: como nós podemos efetivamente construir fisicamente a organização para ela ser mais inclusiva para outras espécies? Aqui eu vou convocar o contributo do design, que a Clara Venâncio está a trabalhar, não é? O design multiespécies vai dar e já está a dar aqui um contributo fundamental. Existem estudos de arquitetos, designers, de como construir um zoológico sem animais lá dentro. Ou seja, como será um zoológico no futuro, em que nós possamos dar aos humanos a experiência de conhecer outras espécies, espécies que aqueles humanos não poderiam visitar, sem ser preciso que aquele animal em concreto esteja ali? Sem que os indivíduos sejam retirados desses habitats e sejam encarcerados, em cativeiro, num parque zoológico? Por exemplo, com experiência holográfica é possível. Proporcionar uma experiência 3D, em que a pessoa está a conhecer modos de vida de outras espécies em diferentes habitats, mas sem ser preciso que o animal esteja ali. Além disso, o design pode trazer objetos e toda uma disposição interior das casas, dos edifícios e das organizações, que seja colaborativa, ou seja, em que as outras espécies também participem, que seja pensada a partir desses emaranhados multiespécies.

LF: E o que podemos dizer dos HAS que falam português? Há especificidades desse campo no mundo lusófono?

VP: Se calhar, aqui vou começar por falar um pouco em Portugal e depois sobre o Brasil e o mundo lusófono. Eu gostava de começar pela parte do contributo dessa missão que pretende ser a do HAS Hub. Eu diria que para compreender o contributo do HAS em português é preciso compreender a história do HAS Hub, como ele nasceu, qual foi a vibe de início, as ligações internacionais, muitos colegas que estão a fazer trabalho na área espalhadas pelo mundo. Eu realmente considero que o contributo que o HAS Hub tem dado é muito importante para compreender a maneira como a área se forma e se vai consolidar agora nos próximos cinco a dez anos. Quando o HAS Hub nasce, em 2018, obviamente já existia um trabalho há muitos anos sobre o tema, alguns há muitos anos outros há menos anos, mas a característica é que esses colegas estavam todos espalhados. Ele pretendeu construir um chapéu que reunisse uma rede de investigadores das relações humano animal com um projeto emancipatório. Nunca poderia ser focado nessas relações para reproduzir o antropocentrismo e para reproduzir a exploração. E o Hub tem vindo a crescer nos últimos quatro anos com este foco, tentando constituir-se como esta casa que permita dar aos investigadores um sentido de pertença, de família multi e interdisciplinar, alinhada com um propósito comum.

Em termos de conteúdo, em Portugal, vários colegas estavam a trabalhar nesta área há algum tempo, em temas diferentes. Grande parte do trabalho também foi trazê-los aqui para este chapéu, ou identificar o seu trabalho e reconhecê-lo, colocá-lo no mapa. Em termos de áreas, podemos aqui falar em várias, como dos animais de companhia, dos estudos de alimentação e dos animais de produção alimentar, os estudos sobre contextos específicos, como os animais em catástrofes ou desastres ambientais, os estudos sobre vida selvagem e reintrodução de animais em contexto de vida selvagem, os estudos sobre o luto, os estudos sobre regulação e o direito animal, estudos sobre arte, literatura, estudos feministas, questões do gênero, raça. Nos estudos sobre animais de companhia, em Portugal, há uma colega nossa, a Teresa Líbano Monteiro, que teve um papel fundamental na constituição da área. A Teresa coordenou o primeiro

inquérito em Portugal, em 2007 o primeiro inquérito, em que eu participei, que fez em colaboração com uma associação de proteção animal. Foi um inquérito com uma amostra da população portuguesa sobre os direitos dos animais em Portugal. Portanto, se as pessoas apoiavam a penalização dos maus tratos, se eram a favor ou contra as touradas, se eram a favor ou contra a utilização de animais em circo, e por aí adiante. Esse trabalho, que eu tenho conhecimento, permanece único na área, ainda não foi feito outro, e foi central. A Teresa teve também um papel muito importante porque ela trabalhou muito a questão dos animais de companhia, em particular dos animais errantes. Ela tem aqui um contributo muito importante, porque ela faz a articulação com a sociologia francófona nesta área. Isso é uma grande riqueza, porque há trabalho importantíssimo francófono que fica muitas vezes esquecido pelos colegas anglófonos. Em particular, tem um estudo de caso que também é articulação com uma ou duas associações sobre os animais errantes, na ilha de Faro, no Algarve. Portanto, ela tem trabalhado muito sobre essa questão da maneira como se cruzam as desigualdades sociais, desigualdades de classe social, desigualdade de gênero, desigualdades de território, para produzir o fenômeno dos animais errantes. O dito abandono animal, que nem sempre é abandono: às vezes os animais já nascem errantes. A Teresa também fazia parte da equipa do CLAN e vinha da área da Sociologia da Família. Portanto, a temática dos animais de companhia na interseção com as dinâmicas familiar e com os tipos de família é uma área importante.

Dentro da área dos animais de companhia, é extremamente importante a temática das crianças e dos animais, como o projeto CLAN, que trabalha as relações das crianças em contexto da vida familiar doméstica, e das práticas familiares. Aí temos o meu trabalho, o trabalho do Henrique Tereno, o trabalho da Clara Venâncio, que vai ser sobre design e animais de companhia. Eu e o Henrique publicamos um artigo a partir de dados que eu tinha do meu pós-doutoramento sobre comunidades pessoais em Portugal (Policarpo & Tereno, 2022). Um quarto tema é o luto sobre animais. O nosso colega Ricardo, biólogo, e um outro colega nosso, Miguel, que é psicólogo, trabalham bastante sobre o luto dos animais, seja

na prática clínica sobre o luto dos humanos pelos animais, e eu própria também tenho trabalhado com eles sobre esta matéria, temos trabalhado a questão do luto por animais de companhia e o luto dos animais (Policarpo, 2022). Depois temos uma outra grande área que é a área de alimentação. E aqui temos os investigadores como a Mónica Truninger, como o João Graça, que trabalha sobre alimentação e sobre transições alimentares para dietas baseadas em vegetais. Aqui os investigadores têm trabalhado sobre a categorização dos animais, sobre alimentação escolar, sobre como é que os animais entram nas cantinas. Temos também estudos sobre contextos específicos e aqui há uma área muito importante que fica algures entre os food animals e os contextos específicos, que são os animais de produção. Há um colega do Porto, o Rui Pedro Fonseca, que trabalha esta temática, é a única pessoa que eu conheço em Portugal que fez uma etnografia num matadouro. Sobre como o animal, nas práticas organizativas e práticas profissionais de manejo e abate, é objetificado ao ponto de ser abatido de forma massiva, criado de forma intensiva para a alimentação.

Depois então, em contextos específicos, destacaria o meu estudo sobre animais em contexto de desastres: como é que os animais recuperam ou não, como são afetados em focos florestais ou inundações. Esta temática se liga muito às alterações climáticas, ao antropoceno, justiça climática e justiça multiespécies. Outra área, os estudos sobre animais selvagens e conservação, estudos sobre o lobo ibérico, o lince ibérico, o chamado rewilding. Por exemplo, o nosso colega Guilherme Sá fez cá o seu pós-doc sobre o rewilding, sobre uma reserva no norte de Portugal. Uma outra área são os estudos jurídicos sobre a regulação e o direito animal, e aqui há uma obra que é fundadora e, se calhar, devia ter começado por aí. É uma obra de 2003, do professor Fernando Araújo, que é um catedrático da Faculdade de Direito, que também dá aulas no nosso curso pós-graduado, que se chama “A Hora dos Direitos dos Animais” (Araújo, 2003). É uma obra seminal na área porque ela realmente abre o debate. E há aqui um outro tópico que é a ética. Há um livro, em que participa nosso colega Ricardo Santos, sobre ética aplicada focado na questão dos animais, portanto também há contributo nesse sentido. E

ainda há uma outra área que é muito importante e mais desenvolvida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, que é sobre literatura, arte e estudos críticos dos animais. E aqui entramos com os trabalhos sobre a poesia, literatura, como a literatura tem trabalhado os animais. Esta área trabalha muito não só com os estudos críticos, mas com os estudos feministas e com a filosofia francófona.

Falando sobre o Brasil. É um país enorme com contributos riquíssimos, com grande contributo das epistemologias indígenas. Claro que uma obra fundamental é a do Viveiros de Castro, com toda a proposta da cosmogonia indígena. Isso parece-me fundamental para esta inversão do olhar, para a maneira como as comunidades indígenas já preveem este intercâmbio de posicionamento, de posições subjetivas. A posição subjetiva humana ou de outro animal não é fixa ou rígida, ela é intercambiável, e isso claramente é disruptivo da fronteira humano-animal, desta fronteira interespecies que o pensamento ocidental cartesiano impôs. Há dois autores que eu acho que vale muito a pena visitar, o Jean Segata, antropólogo que tem trabalho na área dos Estudos de Ciência e Tecnologia, da Antropologia Médica, tem um trabalho muito interessante sobre a epidemia do COVID e a maneira como afetou os matadouros, trabalhadores nos matadouros. Cruza-se esse trabalho bastante com o tema das organizações, porque, ao mesmo tempo em que uma organização oprime os animais, também oprime os humanos que lá trabalham, e ele mostra aquilo brilhantemente neste trabalho. O Guilherme Sá, na área de Estudos de Ciência e Tecnologia, que já referi, e ao seu importante trabalho sobre a re-naturalização, e também ligado aos Estudos de Ciência e Tecnologia; o Bernardo Lewgoy; e depois jovens investigadores como o Breno Vilela; tu própria; a Eveline Baptistella, a trabalhar sobre o jornalismo e a representação dos animais em comunicação; e muitos outros colegas que eu possa não estar a referir. Não quero também estar aqui a ser injusta, estão-me certamente aqui a falhar muitos. Eu tenciono fazer esse trabalho no futuro, de mapear esta diversidade e riqueza imensa que o Brasil já está a produzir nesta área. Haverá certamente estudos na área da Educação, não os conheço mas tenho

muita curiosidade, porque a área da Educação é uma área muito importante no Brasil.

Noutros países de língua portuguesa, que eu tenha conhecimento, esta área é muito mais diminuta. Existe um colega português, o Luís Cordeiro Rodrigues, que atualmente está baseado na China, mas trabalhou muito tempo na África do Sul e tem algum trabalho publicado sobre as intercessões entre raça, etnia, política e a questão animal. Existem colegas que eu conheço de outras nacionalidades que trabalham sobre a questão dos animais em países como a África do Sul, muito também na interseção com racismo, apartheid, etc. Mas nos países africanos de expressão portuguesa, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, que eu tenha conhecimento, esta área não existe. Portanto, é claramente um objetivo de longo prazo nosso trazer para esta conversa colegas desses países e construir uma rede, fazer com que o HAS Hub se estenda a esse mundo lusófono. Essa conversa já começou, e a prova dos nove é o fato de estarmos aqui a conversar, a tua estadia nos HAS Hub é a concretização muito prática desta colaboração e da forma como os Brasil e Portugal estão a dialogar, de como esta lusofonia se está a construir, de como estamos a construir os estudos humanos e animais em português. E agora é consolidar e fazer crescer nos próximos cinco a dez anos.

LF: Para finalizar, o que diria a um investigador que queira vir para esta área?

VP: [risos] A primeira coisa que eu diria é que deve pensar muito bem. Não é bem pensar, é sintonizar-se muito bem com a intenção interna pela qual está a tomar essa decisão de vir para esta área. Qual é a sua grande motivação? Com que intenção vem? O que é que o faz correr quando já não há nada do exterior que o incentive? Quando houver momentos em que possa parecer que não há nenhum apoio do exterior, qual é a luz interna com a qual se pode conectar e que pode acender, e que o faz vir? Porque essa é a mesma luz que o fará ficar. Isto é a primeira coisa que eu diria: conectar-se muito bem com a intenção, escrevê-la num

papel grande ou pequeno conforme os casos [risos]. Expô-lo ou escondê-lo, conforme os casos e personalidades, mas tê-lo sempre presente e olhar para ele muitas vezes e realinhar e fazer isso de forma periódica. Revisitar e verificar: esta intenção ainda cá está ou não? Transformou-se? Se sim, como? Transformou-se, mas mantém o seu foco original, ou transformou-se e já nem sequer é a mesma? Porque as coisas estão sempre a mudar, é preciso fazer esse trabalho periódico de realinhamento. Isto porque esta área não é fácil, por vários motivos. O campo é novo, não é um campo mainstream, é um campo que está nas margens. E, portanto, vai ser difícil. Esta é a primeira conversa que eu tenho sempre com os jovens que querem fazer doutoramento na área. Os investigadores que decidirem ingressar nesta área vão ter que lutar contra várias coisas. Vão ter que enfrentar o antropocentrismo das estruturas académicas, embora talvez menos nos próximos anos do que a minha geração está a ter, e a tua também teve, mas ainda assim julgo que vão ter bastante que se confrontar com a falta de reconhecimento da legitimidade dos seus objetos. Ou seja, mas para que é que interessa estudar isso? Vão ter que se confrontar com a falta de reconhecimento institucional das estruturas de financiamento. Por exemplo, quando se quiserem candidatar a uma bolsa de estudos, pode não haver uma bolsa de estudos na área de Estudos Humano-Animais, vai ter que ser em Sociologia e, se calhar, os colegas que estão a fazer trabalhos puramente sociológicos ou com objetos classicamente sociológicos vão ter mais hipótese de serem selecionados do que estes que estão mais nas fronteiras, são mais híbridos. Esta condição de ser híbrido traz sempre desafios. Portanto, vamos ter que confrontar com muitas dificuldades além das outras normais que toda a gente se confronta quando vem para a área da investigação, que é a falta de emprego, a precariedade, e que são ameaças grandes. Mas eu acho que a principal coisa, a primeira que há a fazer é: por que é que eu estou aqui? Por que é que eu quero vir para a área? O que me vai manter a correr? Porque isto não vai ser um sprint, vai ser uma maratona. O que me vai manter na maratona quando eu já estiver ali na última milha, quando eu estiver ali no quilómetro 42, já quase a terminar [risos], todos os poros da minha pele, e todos os músculos do meu corpo estiverem a pedir para parar porque já não aguento

mais, o que é que, ainda assim, dentro de mim, acende uma luz e me faz continuar? É o amor pelos animais? É o querer construir uma vida mais justa para os animais? Isso é uma coisa muito bela que eu tenho encontrado nesta área e isto caracteriza muito esta área. Encontram-se muitas pessoas com uma intenção muito alinhada de contribuir para um mundo mais justo para as outras espécies. Contribuir para diminuir o sofrimento para as outras espécies, para trazê-las para esta conversa de maneira mais justa, mais equitativa, mais igual. Isso é um poderoso fator motivacional.

A segunda coisa que eu diria é: junta-te a outros. Constrói desde o primeiro momento comunidade. É o que nós tentamos fazer no HAS Hub. Junta-te a outros humanos que tenham interesses comuns, ou seja: colabora. Constrói uma comunidade alinhada com valores que não são centrados nos interesses individuais de alguns, mas sim nos interesses coletivos de todos. Portanto, o meu conselho seria: constrói comunidade, colabora, adota uma lógica que é colaborativa e não competitiva. Isto é muito pós-humano, é muito metodologias multiespécies.

E a terceira coisa que eu diria, é: sai da cadeira e vai para o campo, vai realmente colaborar com as outras espécies. Isto é válido não só do ponto de vista científico, mas do ponto de vista também da intervenção, do ativismo. É claro que nem todas as pessoas têm um perfil ativista e, quando eu digo ativismo, há muitas formas de ativamente contribuir para a mudança social. Como é que nós podemos fazer com que o nosso trabalho saia da cadeira acadêmica para a rua, e possa ser transformado em algo que efetivamente sirva aos animais. Podem ser coisas muito práticas, como participar na associação de estudantes, participar num blogue, escrever regularmente, fazer voluntariado numa associação, organizar um colóquio. Portanto, faz com que o teu trabalho esteja sempre ligado de alguma maneira à mudança. Mesmo que não sejas tu próprio a promovê-lo, colabora, liga-te a outros que possam promovê-lo.

Um quarto aspecto é: desde o primeiro momento, trabalha para comunicar aquilo que fazes de uma maneira que toda a gente perceba e que possa ser útil. Isso significa desenvolver o braço da disseminação científica, porque é muito importante que a ciência não fique fechada nas universidades. Isso não se faz só no fim, e não se faz de forma qualquer. Requer estratégia, requer planeamento, requer prática.

Outra coisa que eu diria é: conecta-te com os teus talentos. Conecta-te com aquilo que te dá prazer. Porque trabalhar nesta área pode ser muito desencorajador, no sentido em que os problemas são muitos. É muito fácil cair num estado de espírito de desânimo, ou de cinismo, ou de que não há nada que nós possamos fazer que vá mudar a situação dos animais. Fala-se muito em dietas veganas, mas na verdade tem aumentado exponencialmente o consumo de animais para a alimentação. Isso é desencorajador. Também tem aumentado muito o número de animais em experimentação animal, o número de animais mortos em catástrofes, os maus tratos continuam a existir. Portanto, são muitos os problemas, é enorme o sofrimento animal, tal como o sofrimento humano. A massa de sofrimento no mundo é muito grande e pode ser esmagadora, podemos ficar esmagados debaixo da massa de sofrimento de humanos e não humanos. Para que isso não aconteça, reúne teus recursos vários. E recursos pessoais que podem também ser mobilizados para a tua criatividade. Por exemplo, se és bom a fazer fotografia e se gostas de fotografar animais, traz essa competência e esse talento para aquilo que tu vais oferecer ao mundo nesta área. Se és boa a fazer desenhos, ilustrações de livros infantis, ou outro tipo de ilustrações, e gostas de animais, traz esse teu talento para o que tu podes oferecer nesta área. E traz esse teu talento também para te manter conectado por um lado contigo próprio, para que isso te aguente quando vierem as ondas do desânimo. Isto é muito o enfoque das metodologias multiespécies, e é por isso que os artistas plásticos estão todos a fazer um trabalho muitíssimo interessante. Há outras coisas que eu diria, mas talvez destacasse estas.

REFERÊNCIAS

Adams, Carol J. (2012). *A política sexual da carne: A relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. São Paulo: Alaúde.

Adams, Carol J. & Donovan, Josephine (1995). *Animals and women: feminist theoretical explorations*. Durham: Duke University Press.

Agamben, Giorgio (2013). *O aberto: o homem e o animal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Araújo, Fernando (2003). *A hora dos direitos dos animais*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Arluke, Arnold & Sanders, Clinton R. (Eds.) (1996). *Regarding animals*. Philadelphia: Temple University Press.

Chao, Sophie, Bolender, Karin, & Kirksey, Eben (2022). *The promise of multispecies justice*. Durham: Duke University Press.

De Fontenay, Elisabeth (2014). *Le silence des bêtes: la philosophie à l'épreuve de l'animalité*. Paris: Fayard.

Deleuze, Gilles (2000). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34.

Demello, Margo (2012). *Animals and society: an introduction to human-animal studies*. New York: Columbia University Press.

Derrida, Jacques (1999). *O animal que logo sou (a seguir)*. São Paulo: Unesp.

Despret, Vinciane (2021a). *Que diriam os animais?* São Paulo: Ubu.

Despret, Vinciane. (2021b). *The dance of the Arabian babbler: birth of an ethological theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Despret, Vinciane (2004). The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis. *Body and Society*, 10(2–3), 111–134.

Hamilton, Lindsay & Taylor, Nik (2017). *Ethnography after humanism: power, politics and method in multi-species research*. London: Palgrave Macmillan.

Haraway, Donna J. (2022). *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu.

Haraway, Donna J. (2021). *O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Haraway, Donna J. (2016). *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.

Haraway, Donna J. (1989). *Primate visions: gender, race, and nature in the world of modern science*. London: Routledge.

Harrison, Ruth (2013). *Animal machines*. Wallingford: Cabi Publishing.

Ingold, Tim (1994). *What is an animal?* London: Routledge.

Kirksey, Eben (Ed.) (2014). *The multispecies salon*. Durham: Duke University Press.

Kuhn, Thomas (1997). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.

Latour, Bruno (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador/Caxias do Sul: EDUFBA/EDUSC.

Lestel, Dominique (1996). *L'animalité: Essai sur le statut de l'humain*. Paris: Hatier.

Policarpo, Verónica (2022). Perder um animal de companhia: rituais e práticas sociais de luto. *Análise Social*, LVII(2), 406-425.

Policarpo, Verónica & Tereno, Henrique (2022). Precisar, sonhar, "inesperar": animais de companhia e comunidades pessoais multiespécies. *Análise Social*, LVII(2), 340-366.

Regan, Tom (2004). *The case for animal rights*. Berkely: University of California Press.

Ryder, Richard (1975). *Victims of science: the use of animals in research*. London: Davis-Poynter.

Serpell, James (1996). *In the company of animals: a study of human-animal relationships*. Cambridge: Cambridge University Press.

Singer, Peter (2010). *Libertação animal*. São Paulo: Martins Fontes.

Thomas, Keith (1991). *Man and the natural world: changing attitudes in England 1500-1800*. Oxford: Osford University Press.

Tsing, Anna, Deger, Jennifer, Saxena, Alder Keleman, & Zhou, Feifei (2020). *Feral atlas: the more-than-human Anthropocene*. Redwood City: Stanford University Press.

Tuan, Yi-Fu (2003). *Dominance and affection: the making of pets*. New Haven: Yale University Press.

Van Dooren, Thom (2022). *A world in a shell: snail stories for a time of extinctions*. Cambridge: MIT Press.

Van Dooren, Thom (2019). *The wake of crows: living and dying in shared worlds*. New York: Columbia University Press.

Wolch, Jennifer R., & Emel, Jody (1998). *Animal geographies: place, politics, and identity in the nature-culture borderlands*. London: Verso books.

"OS ANIMAIS PODEM AJUDAR-NOS A CONSTRUIR UM MUNDO ORGANIZATIVO MAIS JUSTO, DESORGANIZAR O ANTROPOCENTRISMO": ENTREVISTA COM VERÓNICA POLICARPO

Resumo

A propósito do dossiê temático "Animais e Organizações", nós, editores do dossiê especial, convidamos para esta entrevista a professora Verónica Policarpo, socióloga, fundadora e coordenadora do Human-Animal Studies Hub, na Universidade de Lisboa. Nosso objetivo foi, com esse diálogo, convidar o leitorado a conhecer melhor os Human-Animal Studies e refletir conosco sobre as possibilidades de interseção aos Estudos Organizacionais. Verónica recebeu a entrevistadora em sua casa, junto com os simpáticos felinos Coco e Mostarda, para uma conversa iniciada pessoalmente, mas que se prolongou por alguns dias, terminando em áudios compartilhados por aplicativo. Falamos, entre muitos assuntos, sobre a relação entre experiências pessoais e pesquisas com animais, ativismo, formação de redes de pesquisa, sobre a emergência do campo dos HAS no mundo lusófono e fora dele, sua constituição política e institucional, suas metodologias, desafios e agendas, bem como sobre possíveis conexões com os estudos sobre gestão e organizações.

Palavras-chave

Human-animal Studies. Estudos multiespécies. Animais. Organizações.

"LOS ANIMALES PUEDEN AYUDARNOS A CONSTRUIR UN MUNDO ORGANIZACIONAL MÁS JUSTO, DESORGANIZAR EL ANTROPOCENTRISMO": ENTREVISTA A VERÓNICA POLICARPO

Resumen

En relación al dossier temático "Animales y Organizaciones", nosotros, los editores de dicho dossier, entrevistamos a la Profesora Verónica Policarpo. La Profesora Policarpo es socióloga y fundadora y coordinadora del Human-Animal Studies Hub en la Universidad de Lisboa. Nuestro objetivo fue presentar a nuestros lectores el campo de los Estudios Humano-Animal y explorar las posibilidades de intersección con los Estudios Organizacionales. La entrevista se realizó en la casa de la Profesora Policarpo y estuvimos acompañados por las gatas Coco y Mostarda. La conversación comenzó en persona y continuó por varios días a través de audios compartidos. Discutimos una variedad de temas, incluyendo la relación entre experiencias personales y la investigación con animales, el activismo, la formación de redes de investigación, el surgimiento del campo de los Estudios Humano-Animal en el mundo de habla portuguesa y más allá, su constitución política e institucional, metodologías, desafíos, agendas y posibles conexiones con estudios sobre gestión y organizaciones.

Palabras clave

Estudios humano-animal. Estudios multiespecies. Animales. Organizaciones.

"ANIMALS CAN HELP US BUILD A FAIRER ORGANIZATIONAL WORLD, DISRUPT ANTHROPOCENTRISM": INTERVIEW WITH VERÓNICA POLICARPO

Abstract

We, the editors of the special dossier "Animals and Organizations", invited Professor Verónica Policarpo for this interview to our thematic dossier. Professor Policarpo is a sociologist and the founder and coordinator of the Human-Animal Studies Hub at the University of Lisbon. Our goal was to introduce our readers to the field of Human-Animal Studies and to explore the possibilities of intersection with Organizational Studies. Our interview took place at Professor Policarpo's home, where we were joined by two cats, Coco and Mostarda. Our conversation started in person and continued over a few days through audio files. We discussed a variety of subjects, including the relationship between personal experiences and animal research, activism, the formation of research networks, the development of the field of Human-Animal Studies in the Portuguese-speaking world and beyond, its political and institutional constitution, methodologies, challenges, agendas, and possible connections with management and organizational studies.

Keywords

Human-animal Studies. Multispecies studies. Animals. Organizations.

CONTRIBUIÇÃO

Verónica Policarpo

A autora declara ter tido participação como entrevistada.

Leticia Dias Fantinel

A autora declara ter tido participação como entrevistadora.

CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As autoras declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Policarpo, Verónica & Fantinel, Leticia D. (2024). "Os animais podem ajudar-nos a construir um mundo organizativo mais justo, desorganizar o antropocentrismo" – entrevista com Verónica Policarpo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 28-73.